

# CLASSES ADJETIVAIIS NO NORDESTE ASIÁTICO: REVENDO AS LÍNGUAS JAPONESA E COREANA

## ADJECTIVE CLASSES IN NORTHEAST ASIA: REVISIT- ING THE JAPANESE AND KOREAN LANGUAGES

Marcus Tanaka de Lira<sup>1</sup>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1750-8727>

Recebido em: 20/05/2020

Aceito em: 01/06/2020

**RESUMO:** Descrições de línguas do nordeste asiático frequentemente precisam lidar com a questão do reconhecimento ou não de uma classe adjetival em seu sistema lexical. Essa discussão tem estado presente nos estudos de línguas da região como Ainu (REFSING, 1986; SHIBATANI, 1990), falado no norte do Japão; Coreano (CHANG, 1996; SOHN, 2004; SOHN, 1999; YEON e BROWN, 2011), falado na península coreana; e Nivkhe (NEDJALKOV e OTAINA, 2013; GRUZDEVA, 1998; MATTISSSEN, 2003), falado ao norte do Japão. No Brasil, essa mesma discussão tem estado presente na área de estudos japoneses devido a descrições como a de Suzuki (2016). A fim de melhor entender as dificuldades envolvidas na descrição das classes adjetivais da região, foram analisadas em coreano e japonês as classes lexicais cuja classificação são objeto de debate. Aplicaram-se 17 critérios morfossintáticos e semânticos encontrados em Dixon (2010) e Givón (2001) e, após a análise, constatou-se que é possível verificar mais diferenças do que semelhanças no comportamento gramatical de verbos e adjetivos em ambas as línguas, justificando a divisão em duas classes lexicais.

**Palavras-Chave:** Classes Adjetivais. Língua Coreana. Língua Japonesa. Nordeste Asiático.

**ABSTRACT:** Descriptions of languages from North-east Asia must frequently grapple with the question of whether they should recognise the existence of an adjective class in its lexical system. This discussion has been present in studies of languages from the region, such as Ainu (REFSING, 1986; SHIBATANI, 1990), Korean (CHANG, 1996; BYON, 2009; YEON e BROWN, 2011) and Nivkhe (NEDJALKOV e OTAINA, 2013; GRUZDEVA, 1998; MATTISSSEN, 2003) and, in Brazil, it has been present in the field of Japanese studies thanks to descriptions such as Suzuki (2016). In order to better understand the difficulties involved in the description of adjective classes in the region, the lexical classes whose classification has been disputed in Korean and Japanese have been analysed. After the application of 17 morphosyntactic and semantic criteria found in Dixon (2010) e Givón (2001), it has been noted that it is possible to spot more differences than similarities in the grammatical behaviour of verbs and adjectives in both languages, justifying the division into two different lexical classes.

**Keywords:** Adjective classes. Korean language. Japanese language. Northeast Asia.

<sup>1</sup> Mestre e Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília e professor do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília. Coordenador do Núcleo de Estudos Asiáticos da Universidade de Brasília (NEASIA/CEAM/UnB) e Diretor do Instituto Rei Sejong Brasília.

## Introdução

Comparações e classificações interlinguísticas são ferramentas que podem ajudar um pesquisador a entender sobre o funcionamento das línguas naturais, mas que também podem trazer diversos problemas caso não sejam tomadas as devidas precauções. Entender o que as línguas compartilham em comum, e o que elas apresentam de diferente, nos ajuda a compreender melhor não só como funcionam as línguas, mas o quão adequadas são as descrições que temos. Para poder se tornar possível qualquer tipo de comparação, é comum que os diferentes autores compartilhem de um mesmo léxico e de ideias similares quanto à estrutura das línguas. Uma das ideias mais básicas sobre a estrutura das línguas é a existência de classes lexicais.

A ideia de que as línguas possuem classes lexicais, ou seja, que seu léxico pode ser organizado de acordo com propriedades morfossintáticas, possui uma longa história nos estudos linguísticos. Essa classificação já fazia parte da *Téchnē Grammatiké*, a gramática escrita por Dionísio da Trácia há 2100 anos (BAKER, 2004, p. 1). Desde então, temos descoberto que as línguas divergem bastante na distinção de suas classes lexicais, como no caso dos adjetivos. Tradicionalmente, adjetivos são vistos como sendo a classe de palavras que descrevem qualidades ou atributos (SCHACHTER e SHOPEN, 2007, p. 13), havendo autores, como Givón (2001, p. 49), que admitem a possibilidade de nem todas as línguas apresentarem essa classe lexical e outros, como Baker (2004), que defende a existência das mesmas classes lexicais em todas as línguas naturais. O reconhecimento da presença ou da ausência de uma classe adjetival nas línguas preenche uma lacuna no nosso conhecimento sobre como as línguas naturais podem se comportar.

A dificuldade no reconhecimento de uma classe adjetival em muitas das línguas asiáticas se dá devido ao fato de que não é raro encontrarmos, em descrições de línguas do sudeste do continente, certa inconsistência em relação à existência de classes adjetivais, como no caso do tailandês (SMYTH, 2002, p. 83) e do vietnamita (NGUYÊN, 1997, p. 119). Nessas línguas, os termos “adjetivos” e “verbos descritivos” são usados concomitantemente, especialmente quando há alguma inconsistência na literatura da língua quanto à descrição da classe. Hajek (2004, p. 349-350) defende que tais inconsistências se devem à lentidão no reconhecimento da classe de adjetivos na região da Ásia-Pacífico, similar à hesitação que houve na história das gramáticas europeias, ainda que seja possível perceber diferenças morfossintáticas entre adjetivos e verbos e nomes. A defesa das diferenças entre essas três classes tem uma longa história em tipologia linguística.

Levantamentos, como os de Stassen (2005, p. 479), ao dividir as classes adjetivais das línguas naturais entre predicativas e não predicativas, por exemplo, vê o leste e o sudeste asiáticos, assim como as ilhas da Indonésia, Melanásia e Polinésia, como regiões em que os adjetivos apresentam características predicativas com maior frequência. Nesse levantamento, baseado em apenas três características morfossintáticas, as classes adjetivais deveriam apresentar as propriedades para serem consideradas predicativas: exibir concordância morfológica similar à verbal (no caso de a língua apresentar verbos com esse tipo de concordância), não requererem o uso da cópula ou outro

elemento gramatical e apresentarem a mesma estratégia que os verbos para codificar negação. Não há, em levantamentos desse tipo, uma exploração maior de elementos semânticos.

Ainda assim, tanto nas gramáticas das línguas do sudeste asiático supracitadas, como no levantamento mencionado, as descrições deixam claro que há pelo menos uma classe adjetival, e que apenas ocorre uma interseção de características entre verbos e adjetivos.

Seria possível detectar a mesma ambiguidade mais especificamente nas línguas do nordeste asiático<sup>2</sup>?

A semelhança no comportamento morfossintático de uma possível classe adjetival e os verbos é registrada em várias gramáticas de línguas do nordeste asiático, como em Ainu (REFSING, 1986; SHIBATANI, 1990) falado no norte do Japão; Coreano (CHANG, 1996; BYON, 2009; YEON e BROWN, 2011), falado majoritariamente na península coreana; e Nivkhe (NEDJALKOV e OTAINA, 2013; GRUZDEVA, 1998; MATTISSEN, 2003), falado ao norte do Japão, e em regiões vizinhas ao estreito da Tartária. Com exceção da língua Ainu, em que nenhum dos autores reconhece uma classe de adjetivos que difira o suficiente dos verbos intransitivos da língua, nem sempre há consenso entre os autores. Devido à insuficiência de dados das línguas Ainu e Nivkh, entretanto, elas não serão analisadas aqui.

Também há línguas da região cujas gramáticas parecem fazer uma distinção mais clara entre os adjetivos e as outras classes lexicais, como em Evenki (NEDJALKOV, 1997), a língua oki-nawana de Irabu (SHIMOJI, 2008) e Udihe (NIKOLAEVA e TOLSKAYA, 2001).

Mas, existem línguas em que ainda há algum debate. Em descrições estrangeiras da língua japonesa, não parece haver percepção de ambiguidade ou indefinição quanto à existência e à categorização de pelo menos duas classes adjetivais (HINDS, 1986; IWASAKI, 2013; KAISER, ICHIKAWA, *et al.*, 2013; SHIBATANI, 1990; TSUJIMURA, 2007; BACKHOUSE, 2004), motivo pelo qual o termo “classes adjetivais” é aqui usado no lugar de “adjetivo”. Já em descrições da língua japonesa em português, entretanto, trabalhos como Suzuki (2016, p. 95) usam a expressão “predicador de qualidade”, em oposição a “adjetivo” porque a classe de palavra que poderia ser descrita como adjetivo “não só tem as mesmas formas de flexão que os verbos, como também desempenha as mesmas funções sintáticas”, com o uso da expressão “adjetivo” se devendo a circunstâncias históricas.

Caso a afirmação acima esteja correta, e as classes adjetivais em japonês compartilhem as mesmas formas de flexão dos verbos e funções sintáticas, ou seja, se eles se comportarem morfossintaticamente como verbos, de fato não haveria razão para reconhecermos uma classe adjetival por motivações e critérios que não fossem semânticos.

Mas, caso contrário, se houver diferenças entre os verbos e as classes adjetivais da língua japonesa, é preciso confirmar se (1) são características já reconhecidas na literatura sobre o funcionamento das categoriais adjetivais nas línguas naturais, (2) se há alguma inovação e, (3) se é algum

<sup>2</sup> Para efeitos deste levantamento, o nordeste asiático será definido como a região que inclui o arquipélago japonês, a península coreana, a região da Manchúria e os kraís russos do Litoral e Khabarovsk, com adição dos oblasts de Amur e de Sacalina.

fenômeno comum à região, a fim de verificar se é uma característica específica da língua japonesa, ou algo mais comum nas línguas naturais. Justifica-se então, a necessidade de se fazer esse levantamento, num primeiro momento, com categorias adjetivais e verbos, a fim de testar a hipótese de que não só há categorias adjetivais bem definidas em ambas as línguas, mas elas também apresentam características comuns, apontando para uma possível tendência de convergência morfossintática entre as duas línguas.

Os objetivos do levantamento, portanto, são:

- **Confirmação de identidade:** confirmar se há, ou não, uma identidade entre o comportamento morfossintático entre verbos e adjetivos, nas línguas do nordeste asiático para as quais temos dados suficientes (Coreano, Japonês);
- **Verificação de literatura:** analisar se as características morfossintáticas encontradas nos dados foram descritas previamente nas obras de referência como sendo características comuns em adjetivo, ou se há alguma inovação;
- **Comparação areal:** por fim, ver se as características encontradas em cada uma das línguas são comuns às duas línguas analisadas, ou se não há semelhança nas características morfossintáticas dos adjetivos das duas línguas.

Para poder responder a essas perguntas, o artigo seguirá a seguinte estrutura. Primeiro, será feita uma revisão bibliográfica, recapitulando os estudos sobre categorias adjetivais segundo uma linha teórica funcional tipológica, com foco seguinte nas línguas analisadas. Em seguida, será descrita a metodologia utilizada, descrevendo as características dos testes aplicados aos dados. Na sequência, serão expostos os dados de descrições linguísticas da língua japonesa e da língua coreana, com adição de dados do conhecimento do autor quando houver lacunas na literatura consultada. Então, será feita a análise dos dados apresentados, a fim de se testar a hipótese central. Por fim, serão discutidos os próximos passos necessários em pesquisas futuras sobre classes lexicais e convergência gramatical nas línguas do nordeste asiático.

## 1 Revisão Bibliográfica

A menção ao comportamento de adjetivos nas diferentes línguas do mundo, e a busca por correlações entre seu comportamento e outras características gramaticais, estão presentes desde os trabalhos pioneiros em tipologia funcional como Greenberg (1990, p. 68-70), originalmente publicado em 1963. Na ocasião, a posição em que os adjetivos se encontravam ante o termo modificado era correlacionado com a ordem do verbo e de seus argumentos numa oração, assim como o tipo de aposição presente na língua. E, a partir de então, foram feitas análises mais aprofundadas a fim de melhor entender (e reconhecer) o comportamento das classes adjetivais nas línguas naturais.

Como mencionado acima, não há consenso entre os tipólogos sobre a necessidade de uma língua apresentar uma classe adjetival: Schachter e Shopen (2007, p. 13) afirmam que, enquanto todas as línguas aparentemente fazem distinção entre nomes e verbos, nem sempre há uma classe de adjetivos (com palavras cuja semântica se assemelha à dos adjetivos em português sendo expressa ou por nomes ou por verbos).

Já Dixon (2010, p. 62), sugere que mesmo nessas línguas que não teriam classe adjetival, é possível reconhecer uma classe distinta de palavras se aplicarmos critérios mais cuidadosos e reconhecermos parâmetros de variação tais como:

- **Tamanho e abertura:** enquanto há línguas cujas classes adjetivais são abertas, podendo contar com inúmeros membros, também acontece de línguas apresentarem classes fechadas de adjetivos com poucos membros, como no caso da língua Igbo, em que há apenas oito adjetivos, com significados relacionados a dimensão, cor, idade e julgamentos de valor (SCHACHTER e SHOPEN, 2007, p. 14);
- **Proximidade com outras classes:** nem sempre as classes adjetivais compartilham características morfosintáticas com nomes e/ou verbos, mas é muito mais comum que compartilhem características com pelo menos uma dessas duas outras classes lexicais (DIXON, 2010, p. 63-64), tendo o levantamento feito por Ferreira (2015, p. 213) com classes adjetivais de 60 línguas encontrado que em 38% das classes adjetivais apresentam características verbais, 35% apresentam características nominais, 9% compartilham características presentes em ambas as classes e apenas 18% possuem características ausentes nas outras duas classes lexicais.

Ainda assim, há, nas línguas do nordeste asiático aqui mencionadas, uma tendência de se reconhecer pelo menos uma classe adjetival, com menção à presença de múltiplas classes em pelo menos uma das línguas, o japonês.

## 1.1 Adjetivos em Japonês

Em japonês, há o frequente reconhecimento nas fontes encontradas de pelo menos duas classes adjetivais, as quais são resultado de diferentes processos de gramaticalização: os *keiyoushi* (形容詞) e os *keiyoudoushi* (形容動詞), rótulos esses geralmente traduzidos na literatura estrangeira como adjetivos e adjetivos nominais (ou nominais adjetivos), respectivamente (HINDS, 1986, p. 171; IWASAKI, 2013, p. 57; SHIBATANI, 1990, p. 144; FRELLESVIG, 2010, p. 235).

O motivo pelo qual há essa pluralidade de classes adjetivais, como são reconhecidas por esses autores, se deve a diferentes processos de gramaticalização na história da língua.

No caso dos *keiyoushi*, ela já era uma classe lexical presente na língua desde os primeiros registros em japonês antigo (700~800 DC). Dentre suas características morfossintáticas da classe de *keiyoushi* na época, estava a presença de diferentes morfemas dependendo de sua função: predicativa, como núcleo de predicado intransitivo, e atributiva, modificando o núcleo de um sintagma nominal.

1. *A ga mune ita-si* (morfologia predicativa de *keiyoushi* em japonês antigo)  
 1.SG GEN peito dolorido-PRED  
 “Meu peito doi”

(FRELLESVIG, 2010, p. 83)

2. *Kurwo-ki mi-kyesi* (morfologia atributiva de *keiyoushi* em japonês antigo)  
 preto-ATR HON-roupas  
 “Roupas pretas”

(FRELLESVIG, 2010, p. 83)

Durante meados do milênio passado (1200~1600 DC), devido a processos de mudanças fonética, as consoantes dos morfemas predicativo e atributivo acima caíram, levando a uma reanálise como sufixo de tempo não-passado (FRELLESVIG, 2010, p. 340), não mais havendo variação devido à presença dentro de um sintagma nominal. O comportamento contemporâneo dessa classe será visto com mais detalhes na análise de dados.

Já *keiyoudoushi* significa, literalmente, “verbos adjetivos”, em referência a questões razões históricas, ainda que seja traduzido como “adjetivos nominais” ou “nomes adjetivais” em descrições contemporâneas (HINDS, 1986, p. 171; IWASAKI, 2013, p. 57; SHIBATANI, 1990, p. 144; FRELLESVIG, 2010, p. 235). Isso ocorre porque, em japonês medieval (cerca de 800~1200 DC), ainda no início do processo de gramaticalização da classe lexical, as palavras vinham seguidas de uma cópula adjetival (então considerada um verbo), como visto nos exemplos abaixo, a qual possuía características verbais:

3. *Siduka nar-i* (uso de cópula adjetival com *keiyoudoushi* em japonês medieval)  
 calmo COP.ADJ-INF  
 “Está calmo”

(FRELLESVIG, 2010, p. 235)

4. *Siduka nar-azu* (uso de cópula adjetival com *keiyoudoushi* em japonês medieval)  
 calmo COP.ADJ-NEG  
 “Não está calmo”

(FRELLESVIG, 2010, p. 235)



Com o tempo, a cópula em língua japonesa foi apresentando formas supletivas, diferenciando-se nas funções predicativas e atributiva mostrada acima (FRELLESVIG, 2010, p. 395), como serão mostradas nas análises abaixo. A presença da obrigatoriedade da cópula, tanto na função atributiva como na função predicativa, como ocorre com os nomes, é o motivo pelo qual em língua inglesa essa classe é frequentemente chamada de adjetivos nominais ou nomes adjetivais.

Como mencionado na introdução, entretanto, os rótulos utilizados em língua portuguesa não são os mesmos: ao utilizar o termo predicadores de qualidade, no lugar do termo “adjetivo”, trabalhos do Grupo Interinstitucional de Estudos de Língua Japonesa, GRIELJB, defendem que “a função predicadora é a característica mais importante dessas palavras” (MORALES, 2012, p. 164) e de que o rótulo foi utilizado em detrimento a adjetivo porque “respeitou-se sua propriedade intrínseca (...) a de formar predicados” (SUZUKI, 2012, p. 9).

O uso, entretanto, não é uniforme: Morales (2012, p. 164) aplica o rótulo apenas aos *keiyoushi*, chamando os *keiyoudoushi* de “qualificadores”, enquanto Suzuki (2012, p. 9) utiliza o termo para *keiyoushi* e *keiyoudoushi*, considerando-os grupos de uma mesma classe (SUZUKI, 2016, p. 96). Também há outros trabalhos do grupo, como Tashiro-Perez (2012), que usam o rótulo “adjetivo” para as mesmas classes. Não foram encontrados nos trabalhos consultados, testes ou menções a arcabouços teóricos que justifiquem as definições utilizadas, o que talvez explique a variação no uso dos rótulos.

O argumento de Suzuki (2016, p. 95) de que os adjetivos possuem as mesmas características morfosintáticas dos verbos será analisado durante a apresentação de dados.

## 1.2 Adjetivos em coreano

Há, em coreano, tanto autores que tratam as classes verbal e adjetival de forma conjunta, por considera-las próximas o suficiente (SONG, 2005, p. 77), e autores que reconhecem que se tratam de duas classes lexicais distintas, ainda que compartilhem algumas similaridades (CHANG, 1996, p. 47; SOHN, 2004).

O argumento de Song (2005, p. 77-80), se assemelha ao de Suzuki (2016, p. 95), mas com restrições: são reconhecidas algumas diferenças morfosintáticas entre as categorias, como a impossibilidade de adjetivos receberem alguns morfemas de aspecto, por exemplo, e a impossibilidade de verbos receberem alguns outros morfemas específicos dos adjetivos na língua, como veremos abaixo.

Chang (1996, p. 47-49) considera que, apesar das semelhanças, não se trata de uma mesma classe lexical devido às restrições aplicadas aos adjetivos (algumas presentes em Song (2005): a inexistência de morfologia para o tempo presente, a não existência de uma morfologia para o modo imperativo ou propositivo, a impossibilidade de ocorrerem com as marcas de aspecto progressivo e perfectivo usadas nos verbos, morfemas que têm significados distintos em verbos e adjetivos, e a possibilidade de receberem alguns adverbializadores, além de poderem apresentar diferentes tipos

de complementos. Sohn (2004, p. 224), adiciona aos pontos levantados o não uso do sufixo de modo indicativo em adjetivos, o uso de intensificadores que não é possível nos verbos, a impossibilidade de verbos formarem advérbios e ocorrerem em construções comparativas e superlativas, entre outros. Essas diferenças justificariam, segundo o autor, a descrição de duas categorias, e não apenas uma.

## 2 Metodologia

A análise será feita seguindo uma linha funcional tipológica, com base em autores como Dixon (2010), Croft (2003) e Givón (2001), com os dados sendo tirados de uma revisão bibliográfica em descrições das línguas japonesa e coreana, além do conhecimento do autor quando houver lacunas nas descrições mencionadas.

Para reconhecer as categorias de adjetivo nas línguas do nordeste asiático, serão usados os critérios expostos em Dixon (2010, p. 70-72) e Givón (2001, p. 81-87), aplicando testes com base nas descrições gerais fornecidas pelos autores.

É importante frisar que, apesar de ser possível estabelecer uma ideia rígida de como uma classe adjetival deva se comportar, e exigir que uma classe adjetival obedeça a todos os critérios semânticos, morfológicos e sintáticos propostos, há variabilidade entre as línguas naturais, podendo haver casos em que uma classe adjetival não aja em conformidade com todos os critérios estabelecidos (GIVÓN, 2001, p. 49).

O que será proposto nos testes abaixo é um protótipo, constituído um feixe de características gramaticais, dentre as quais algumas são centrais e outras, periféricas, de natureza variável ou difusa (CROFT, 2003, p. 162). Não é necessário, portanto, que as classes lexicais a serem analisadas se comportem de forma igual à prototípica em todos os casos, mas um grande número de convergências com as características adjetivais analisadas nos testes abaixo mostraria que se trata, muito possivelmente, de classes adjetivais.

Como visto na revisão bibliográfica, há casos documentados de adjetivos que possam ser núcleos de predicado intransitivo, sendo necessário diferenciar os verbos de uma possível classe adjetival. Nesse caso, podemos nos orientar pelos dez critérios abaixo para podermos diferenciar classes adjetivais de verbos (DIXON, 2010, p. 105-106):

- i. **Limitações morfológicas:** se a classe adjetival puder aparecer na função de núcleo de predicado intransitivo, a mesma gama de processos morfológicos e marcação de Tempo-Modo-Aspecto também pode ser usada?
- ii. **Diferenças semânticas:** no caso de ambas as classes receberem os mesmos morfemas, os significados são os mesmos, ou há uma diferença no significado deles?
- iii. **Modo imperativo:** os possíveis adjetivos podem aparecer no modo imperativo?



- iv. **Processos derivacionais:** os candidatos a classes adjetivais podem passar pelos mesmos processos derivacionais do que os verbos na língua, através das mesmas estratégias?
- v. **Transitividade:** classes adjetivais geralmente aparecem como núcleos de predicados intransitivos. Quais são as possibilidades de transitividade com os quais os adjetivos em potencial ocorrem?
- vi. **Reduplicação:** Os verbos da língua, ou as classes adjetivais, apresentam processos de reduplicação? E, se apresentarem, há diferenças semânticas entre os verbos e as classes adjetivais?
- vii. **Nominalização:** as estratégias de nominalização são as mesmas entre verbos e o que suspeitamos serem classes adjetivais?
- viii. **Função atributiva:** a possibilidade de ocorrer em função atributiva, modificando um nome dentro de um sintagma nominal, é uma das funções das classes adjetivais nas línguas. Isso ocorre de maneira similar aos verbos direta e/ou indiretamente?
- ix. **Núcleo de argumento verbal:** as categorias que suspeitamos serem adjetivos podem ser núcleo de um argumento verbal? Caso possam, os verbos também podem? Há diferença nas estratégias, e existe a necessidade de nominalização?
- x. **Núcleo de predicado subordinado:** o adjetivo, assim como o verbo, apresenta as mesmas possibilidades para ser núcleo do predicado de uma oração subordinada?

Além desses critérios para clarificar ambiguidades entre adjetivos e verbos, Dixon (2010, p. 107-108) e Givón (2001, p. 82) apresentam outros sete testes de características comuns em adjetivos, independentemente de sua semelhança com outras classes lexicais da língua. Para verificarmos se temos, de fato, uma classe adjetival em análise, também serão feitos os seguintes testes que se referem a características comuns em adjetivos:

- xi. **Função Adverbial:** as classes adjetivais apresentam alguma função adverbial, modificando os verbos? Enquanto é comum que advérbios derivem de adjetivos para mudar os verbos, é mais raro que verbos sejam modificados assim por outros verbos (DIXON, 2010, p. 82). Caso apresentem essa possibilidade, isso se dá em conjunto com alguma mudança morfológica ou algum outro processo derivacional? E, esses processos são compartilhados por verbos ou nomes na língua?
- xii. **Parâmetro de comparação:** em construções comparativas, os adjetivos podem funcionar como parâmetros de comparação? Alguma outra classe lexical pode aparecer no mesmo lugar?
- xiii. **Modificação por intensificadores:** os adjetivos (pelo menos aqueles com significados gradáveis) podem ser modificados por intensificadores e quantificadores como “muito” e “tão”?

- xiv. **Marcação de Negação:** que tipo de morfologia os adjetivos recebem para expressar negação? Ela é uma marcação distinta da usada por verbos e nomes?
- xv. **Afixos exclusivos:** os adjetivos apresentam algum afixo que não é compartilhado por outras classes lexicais, como formas comparativas, superlativas, aumentativas ou diminutivas?
- xvi. **Restrições morfossintáticas:** há alguma outra restrição gramatical presente no comportamento dos adjetivos que não se aplica a outras categorias lexicais?
- xvii. **Pares antônimos:** há, nas categorias encontradas, pares antônimos que se refiram a tamanho, extensão horizontal, extensão ou elevação vertical, grossura, distância, clareza ou nível de som?

Expostos os critérios através dos quais as classes lexicais serão analisadas, passemos aos dados.

### 3 Dados

Serão vistos, primeiro, os dados relacionados à língua japonesa presente nas seguintes descrições da língua: Backhouse (2004), Hinds (1986), Iwasaki (2013), Kaiser et al. (2013), Shibatani (1990) e Tsujimura (2007). Em seguida, serão vistos os dados sobre a língua coreana disponíveis nas seguintes descrições do idioma: Byon (2009), Chang (1996), Sohn (1999), Sohn (2004), Song (2005) e Yeon & Brown (2011).

#### 3.1 Dados da Língua Japonesa

Como mencionado anteriormente, há em língua japonesa pelo menos duas possíveis classes adjetivais, chamadas na língua de *keijyoushi* e *keijyoudoushi* (IWASAKI, 2013, p. 57), e que na apresentação de dados serão denominadas “descritivos flexionados” e “descritivos não-flexionados”.

A diferença entre descritivos flexionados e descritivos não-flexionados é que, assim como os nomes da língua, os descritivos não-flexionados não recebem morfologia verbal. Além disso, os descritivos não-flexionados compartilham a mesma forma da cópula que ocorre com outras categorias nominais em construções predicativas (5 e 6), apesar de requererem uma versão especial da cópula na versão atributiva (7 e 8) (IWASAKI, 2013, p. 62):

- 5. *Kirei da* (descritivo não-flexionado em função predicativa)  
bonita COP.Ñ.PSD  
“É bonita”

6. *Gakusei* *da* (nome em função predicativa)  
Estudante COP.Ñ.PSD  
“É estudante”
7. *Kirei* *na* *bito* (descritivo não-flexionado em função atributiva)  
bonita COP.ATR pessoa  
“Pessoa bonita”
8. *Nibon-jin* *no* *bito* (nome modificando outro nome)  
Japão-pessoa ADN pessoa  
“Japonês” (lit. pessoa japonesa)

Dito isso, o critério (i) não pode ser aplicado a esses descritivos por não poderem ser núcleo de predicado intransitivo – isso se deve à necessidade do uso da cópula, assim como acontece com os nominais da língua. Já os descritivos flexionados podem, assim como os verbos, ser núcleo de predicado intransitivo, não requerendo a presença de cópula nem na função atributiva nem na função predicativa. Abaixo, os exemplos (9) e (11) mostram o comportamento dos descritivos flexionados com (10) e (12) nos quais temos os verbos:

9. *Ooki-i* (Categorias de TAM em descritivo flexionado em função predicativa)  
grande.ser-Ñ.PSD  
“É grande”
10. *Ki-ta* (em verbo)  
vir-PSD  
“Vim/Veio/Vieram”
11. *Ooki-i* *bito* (em função atributiva)  
grande.ser-Ñ.PSD pessoa  
“Grande pessoa”
12. (...) *Ki-ta* *bito* (em verbo)  
(...) vir-PSD pessoa  
“(…) A pessoa que veio”

Então, temos o mínimo necessário para poder aplicar o critério (i) ao menos com esse tipo de descritivos. O mesmo pode ser dito sobre o critério (viii), referente à função atributiva como visto na oração (9) acima, os descritivos não-flexionados se apresentam junto com a forma atributiva da cópula antes de um termo modificado, enquanto verbos (exemplo 12) e descritivos flexionados (exemplo 11) acima.

Seguindo para o critério seguinte, em relação às diferenças semânticas na morfologia de verbos e descritivos, os descritivos flexionados apresentam uma morfologia diferenciada de Tempo-Modo-Aspecto quando comparados com os verbos da língua:

Quadro 1 – Sufixos de TMA em Descritivos Flexionados e Verbos Japoneses

	Ñ.PSD	ATR	PSD	CONJ	COND
Desc. Flexio.	-i	-i	-katta	-kute	-kereba
Verbos	-(r)u	-(r)u	-ta	-te	-(r)eba

Adaptado de Tranter e Kizu (2012, p. 281-282)

Não há, em nenhum dos morfemas, uma correspondência de igualdade entre os morfemas que ocorrem em verbos e os que ocorrem nos descritivos flexionados. Ainda que alguns morfemas, como o de tempo passado, sejam similares ao dos descritivos flexionados, eles se ligam aos radicais de forma diferente (13 e 14), não sendo possível que o morfema utilizado nos verbos possa se ligar ao radical do descritivo flexionado da mesma forma (15):

13. *Ooki-katta hito* (desc. flex. em função atributiva com morfologia de tempo)  
grande.ser-Ñ.PSD pessoa  
“Pessoa que era grande”
14. (...) *Ki-ta hito* (verbo em função atributiva com morfologia de tempo)  
(...) vir-PSD pessoa  
“(…) A pessoa que veio”
15. \**Ooki-ta hito* (agramatical: desc. flex. com morfologia verbal de tempo)  
grande.ser-Ñ.PSD pessoa  
“Pessoa que era grande”

Assim, nem os descritivos flexionados, nem os descritivos não-flexionados passam pelo critério (i) e, portanto, nem pelo critério (ii), já que não é necessário procurar por diferenças semânticas caso houvesse morfemas iguais.

O critério (iii), que se refere à presença de uma forma imperativa dos descritivos na língua, oferece problemas similares.

Há diferentes morfemas que marcam o imperativo em língua japonesa, dependendo do radical do verbo. Nos verbos regulares cujo radical termina em consoante, o morfema é {-e}, e nos verbos regulares cujo radical termina em vogal, o morfema é {-ro}. Não há variação de acordo com número, ou com outras variáveis de tempo, modo e aspecto (TAM):

16. *Ik-e* (sufixo de imperativo em verbo com radical terminado em consoante)  
Ir-IMP  
“Vai!”
17. *Yame-ro* (sufixo de imperativo em verbo com radical terminado em vogal)  
Parar-IMP  
“Pare!”

Durante a primeira metade do milênio passado, quando o paradigma morfológico dos descritivos estava em formação, houve um período em que os descritivos flexionados possuíam formas imperativas (FRELLESVIG, 2010, p. 340), mas essas formas se perderam ao longo do processo de gramaticalização. Não há, hoje, uma forma imperativa de nenhuma das duas classes de descritivos na língua, sendo necessária uma construção perifrástica, na qual um verbo recebe a marca de imperativo (18 com um descritivo não-flexionado e 19 com um descritivo flexionado):

18. *Shizuka ni shi-ro* (construção perifrástica imperativa com desc. infl.)  
quieto COP.ADV fazer-IMP  
“Fica quieto!”
19. *Ooki-ku nar-e yo* (construção perifrástica imperativa com desc. flex.)  
grande-ADV tornar-IMP EMPH  
“Cresce!”

Mesmo nas estratégias de pedido indireto da língua, como o uso da forma conjuntiva do verbo (IWASAKI, 2013, p. 319), o uso não se estende para os descritivos flexionados, os quais também possuem uma morfologia conjuntiva:

20. *Ki-te* (kudasai) (forma imperativa verbal com morfologia conjuntiva)  
vir-CONJ (POR.FAVOR)  
“Vem (por favor)!”
21. *\*Ooki-kute* (kudasai) (agramatical: forma imperativa com morfologia conjuntiva)  
grande-CONJ (POR.FAVOR)  
“Cresce (por favor)!”

Os morfemas que podem ser utilizados para marcação de imperativo na língua portanto são os seguintes:

Quadro 2 – Sufixos de Imperativo em Verbos e Descritivos

	Verbos	Descr. Flex.	Descr. Ñ Flex.
Imperativo Padrão	-e / -ro	Não	Não
Pedido Indireto (Forma conjuntiva)	-te	Não com esse sentido	Não com esse sentido

Fonte: Autoria Própria

Assim, nenhuma das classes de descritivos passa pelo critério (iii).

Destacam-se entre os processos derivacionais os sufixos derivacionais de voz presentes nos verbos, como os de voz causativa e passiva, assim como a forma desiderativa (IWASAKI, 2013, p. 81). Os dois primeiros sufixos (o de voz causativa, voz passiva, e forma desiderativa) podem inclusive aparecer simultaneamente, como em (22, 23 e 24). É válido notar que, com a forma desiderativa, o verbo passa a apresentar paradigmas flexionais similares aos dos descritivos flexionados:

22. *Ike-ase-ru* (verbo com morfologia de voz causativa)  
ir-CAUS-Ñ.PSD  
“Fazer/Deixar ir”
23. *Ike-ase-rare-ru* (verbo com morfologia de vozes causativa e passiva)  
ir-CAUS-PSV-Ñ.PSD  
“Ser permitido ir”
24. *Ike-ase-rare-ta-i* (verbo com morfologia de vozes causativa, passiva e desiderativa)  
ir-CAUS-PSV-DESID-Ñ.PSD  
“Querer que façam ir”

Mas, esses sufixos não podem ocorrer com nenhum dos descritivos da língua, como podemos ver nos exemplos (25) e (26):

25. *\*Shizuka-sase-ru* (agramatical: desc. infl. com morfologia de voz causativa)  
quieto-CAUS-Ñ.PSD  
“Aquietar”
26. *\*Ooki-sase-ru* (agramatical: desc. flex. com morfologia de voz causativa)  
grande-CAUS-Ñ.PSD  
“Engrandecer”

Assim, os descritivos não passaram também pelo quarto critério proposto, não podendo passar pelos mesmos processos derivacionais que os verbos.



Outra característica marcante dos verbos em língua japonesa é que eles formam diversos pares variando de acordo com a transitividade, formando algumas centenas de pares transitivo-intransitivo, com diferentes morfemas – por vezes contraditórios – para formar o paradigma (IWASAKI, 2013, p. 85). Vemos em (27) e (28) um dos pares:

27. *Hana-re-ru* (par intransitivo do radical verbal “Hana”)  
largar-INTR-Ñ.PSD  
“Se distanciar”
28. *Hana-s-u* (par transitivo do radical verbal “Hana”)  
largar-TRANS-Ñ.PSD  
“Soltar (algo)”

Não há, nas obras consultadas, nenhuma referência a algum fenômeno similar com descritivos flexionados ou não-flexionados. Para haver alguma mudança de valência, é necessário fazer uso de construções perifrásticas diferentes daquelas encontradas nos verbos. O critério (v) também separa, portanto, os verbos dos descritivos da língua.

Até aqui temos, então, a seguinte situação:

Quadro 3 – Sistematização de Dados com Critérios I-V

		Verbos	Desc. Flex.	Desc. Não Flex.
I	Limitações Morfológicas	Recebe sufixos de TAM diretamente	Recebe diferentes sufixos de TAM	Expressa TAM por meio de cópula
II	Diferenças Semânticas	Recebem sufixos diferentes		
III	Modo Imperativo	Recebe sufixos de modo imperativo	Não	Não
IV	Processos Derivacionais	Vozes Passiva, Causativa e Desiderativa	Não	Não
V	Transitividade	Apresenta pares com radicais	Não	Não

Fonte: Autoria Própria

Os processos de reduplicação, que vem a ser a base do critério (vi), também afetam os descritivos flexionados em japonês e verbos de formas distintas, não tendo sido encontrado exemplos com descritivos não-flexionados. No caso dos descritivos flexionados, a reduplicação ocorre apenas com o radical (29), produzindo algumas expressões adverbiais, enquanto nos verbos há uma reduplicação mantendo os morfemas de tempo-modo-aspecto (30):

29. *Chika-jika* (reduplicação com descritivos flexionados)

perto-perto  
“Em breve”

(IWASAKI, 2013, p. 100)

30. *Mi-ru-mi-ru* (reduplicação com verbos)

olhar-Ñ.PSD-olhar-Ñ.PSD  
“Num instante”

(IWASAKI, 2013, p. 100)

Para que os verbos possam ser nominalizados, a fim de ocorrer como argumentos, por exemplo, eles vêm seguidos do nominalizador *no* ou da palavra *koto* (coisa), como na oração abaixo:

31. *Yom-u koto/no ga suki da* (nominalização com verbos)

Ler-Ñ.PSD coisa/NMLZ NOM agradável COP.Ñ.PSD

“Gosto de ler (lit. É agradável ler)”

Os descritivos flexionados podem receber os mesmos nominalizadores, como vemos abaixo:

32. *Aka-i no ga hoshi-i* (nominalização com desc. flex.)

vermelho-Ñ.PSD NMLZ NOM desejável-Ñ.PSD

“Quero o vermelho (lit. Vermelho é desejável)”

33. *Hido-i koto wo shi-ta* (nominalização com desc. flex.)

cruel-Ñ.PSD NMLZ ACU fazer-PSD

“Fiz uma crueldade”

Além dessa limitação, os descritivos não-flexionados requerem a presença da cópula em sua forma atributiva antes do nominalizador:

34. *Shizuka na no wo mi-ta* (nominalização com desc. ñ-fl.)

quieto COP.ATR NMLZ ACU ver-PSD

“Vi o quieto”

35. *Hen na koto wo mi-ta* (nominalização com desc. ñ-fl.)

esquisito COP.ATR NMLZ ACU ver-PSD

“Viu uma esquisitice”

Assim, é possível encontrar diferenças na nominalização de verbos e descritivos na língua.

Por fim, é perfeitamente possível em japonês que verbos, e ambos os descritivos aqui mencionados, possam aparecer como núcleos de orações subordinadas, ainda que com algumas diferenças.

Há, segundo Hinds (1986, p. 50) diferentes graus de subordinação entre orações em língua japonesa. Em geral, elas vêm antes das orações principais, seus núcleos tendem a não receber marcas de polidez, não costuma ser possível haver topicalização dos argumentos do núcleo, e o sujeito pode vir acompanhado tanto da marca de nominativo como pela marca de genitivo.

Quando há a possibilidade de os verbos e descritivos apresentarem marcas de polidez, ambos os descritivos vêm seguidos da forma polida da cópula (36 e 38), assim como no caso dos nominais (37), enquanto os verbos possuem morfologia própria (39). Essas marcações de polidez são equivalentes às presentes nas orações principais, as quais poderiam ser formadas com a omissão da marca de ablativo *kara*:

36. *Tenki ga i-i des-u kara...* (descritivo flexionado)  
 Tempo NOM **bom-Ñ.PSD** COP.POL-Ñ.PSD ABL...
- “Porque o tempo está bom...”
37. *Sora ga kirei des-u kara...* (descritivo não-flexionado)  
 Céu NOM **bonito** COP.POL-Ñ.PSD ABL...
- “Porque o céu está bonito...”
38. *Kyou na kyuujitsu des-u kara...* (nominal)  
 Hoje TOP **feriado** COP.POL-Ñ.PSD ABL...
- “Porque hoje é feriado...”
39. *Sora ga bare-te i-mas-u kara...*  
 Céu NOM **ensolarar-CONJ** **ser-POL-Ñ.PSD** ABL... (verbo)
- “Porque está ensolarado...”

O comportamento de verbos e descritivos não se dá de igual maneira neste ambiente, e uma exploração entre outros tipos de orações subordinadas fugiria do escopo do trabalho, mas esta diferença já faz com que o critério (x) também sirva para que diferenciemos os verbos de ambas as classes de descritivo.

Quadro 4 – Sistematização dos Dados com Critérios VI-X

		Verbos	Desc. Flex.	Desc. Não. Flex
VI	Reduplicação	Com morfemas de TAM	Sem morfemas de TAM	Não foram encontrados
VII	Nominalização	Com nominalizadores <i>koto</i> e <i>no</i>	Com nominalizadores <i>koto</i> e <i>no</i>	Com cópula + <i>no</i> ou <i>koto</i>
VIII	Função Atributiva	Sim	Sim	Sim, com uso de cópula
IX	Núcleo de Argumento Vrb.	Sim, com nominalizador	Sim, com nominalizador	Sim, com nominalizador e cópula
X	Núcleo de Pred. Subord.	Pode receber sufixo de polidez	Apresentam polidez com a cópula	Apresentam polidez com a cópula

Fonte: Autoria Própria

Os outros seis critérios, para definir se de fato as classes de descritivos são adjetivos, também podem ser aplicados.

Tanto os descritivos não-flexionados quanto os descritivos flexionados apresentam formas adverbiais, ainda que utilizando diferentes estratégias morfossintáticas: no caso dos descritivos flexionados, através de um sufixo ligado ao radical (40), enquanto no caso dos descritivos não-flexionados, o descritivo é seguido de uma forma específica da cópula (41).

40. *Haya-ku* *tabe-ta* (descritivo flexionado)  
rápido-ADV comer-PSD  
“Comi rapidamente”
41. *Kirei ni* *tabe-ta* (descritivo não-flexionado)  
bonito COP.ADV comer-PSD  
“Comi direitinho (lit. Comi bonitamente)”

Também é possível que ambas as classes de descritivos sejam usadas como padrão de comparação em construções comparativas, como nas orações (42) e (43), as quais tendem a aparecer com a presença de uma marca de ablativo, *yorì*, como é comum em línguas frequentemente classificadas como altaicas (SHIBATANI, 1990, p. 96), com o superlativo sendo formado com a adição da palavra *ichiban* “número um” anteposto ao descritivo (44), comportando-se de acordo com o esperado pelo critério (xii):

42. *Burajiria na Toukyou yorì shizuka da* (comparação com desc. inflx.)  
Brasília TOP Tóquio ABL tranquila COP.Ñ.PSD  
“Brasília é mais tranquila do que Tóquio”

43. *Tokyou wa Burajiria yori hito ga oo-i* (comp. com desc. flex.)  
Tóquio TOP Brasília ABL pessoa NOM numeroso-Ñ.PSD  
“Tóquio é mais povoada do que Brasília (lit. Falando de Tóquio, comparada a Brasília, as pessoas são numerosas)”

44. *Taguatinga wa ichiban kirei da* (superlativo com desc. infl.)  
Taguatinga TOP SUPERLAT bonito COP.Ñ.PSD  
“Taguatinga é a mais bonita”

Também é possível que os descritivos apareçam com intensificadores, como visto nos exemplos (45) e (46), como previsto pelo critério (xiii):

45. *Totemo uma-i* (intensificador com descritivo flexionado)  
**mu**to delicioso-Ñ.PSD  
“Muito delicioso”

46. *Totemo kirei da* (intensificador com descritivo não-flexionado)  
**mu**to bonito COP.Ñ.PSD  
“Muito bonito!”

Uma outra característica dos descritivos é que eles apresentam estratégias diferentes dos verbos para expressar polaridade negativa. Descritivos flexionados apresentam a forma adverbial seguida do auxiliar negativo *nai* (47), o qual não é considerado aqui um sufixo por ser possível a presença de uma partícula de tópico entre o descritivo e o auxiliar (48):

47. *Taka-ku na-i* (negação com descritivo flexionado)  
Caro-ADV NEG-Ñ.PSD  
“Não é caro”

48. *Taka-ku wa na-i* (negação com ênfase em descritivo flexionado)  
Caro-ADV TOP NEG-Ñ.PSD  
“NÃO é caro”

(IWASAKI, 2013, p. 87)

No caso dos descritivos não-flexionados, a negativa se faz com o descritivo não-flexionado sendo seguido por uma forma conjuntiva da cópula mais a partícula de tópico e o auxiliar negativo “nai” (49):

49. *Kirei de wa na-i* (negação com descritivo não-flexionado)  
bonito COP.CONJ TOP NEG-Ñ.PSD  
“Não é bonito”

A estratégia utilizada para a negação dos descritivos flexionados não é compartilhada com verbos ou nomes, enquanto os nomes apresentam uma forma de negação similar ao uso da cópula com o descritivo não-flexionado (IWASAKI, 2013, p. 88), fazendo com que o critério (xiv) seja parcialmente sucedido.

Alguns sufixos, como {-garu}, são comuns com adjetivos referentes a estados psicológicos, não sendo produtivos com verbos. Com nomes, tem um significado distinto (IWASAKI, 2013, p. 88), servindo de exemplo portanto para o critério (xv), que avalia se os afixos usados nas classes adjetivais são as mesmas usadas com os verbos. Abaixo, exemplo com os descritivos *samui* (frio) e *zannen* (pesaroso):

50. *Samui-gar-u* (exemplo de {-garu} com descritivo flexionado)

Frio-parecer.Ñ.1-Ñ.PSD

“Parece sentir frio”

(BACKHOUSE, 2004, p. 58)

51. *Zannen-gar-u* (exemplo de {-garu} com descritivo não-flexionado)

pesaroso-**parecer.Ñ.1**-Ñ.PSD

“Parecer sentir pesar”

(BACKHOUSE, 2004, p. 58)

Uma exclusividade dos descritivos flexionados é a forma de “hiperpolidez”, segundo Iwasaki (2013, p. 87), no qual o descritivo apresenta o sufixo adverbial {-ku} com a elisão da consoante e é seguido pelo verbo *gozaru*. Devido à elisão da consoante do morfema, há um processo de assimilação por parte da última vogal do radical do descritivo, o qual muda a sua qualidade:

52. *Atsu-u* *gozai-mas-u* (exemplo de forma “hiperpolida” com desc. flex)

Quente-ADV estar.POL-POL-Ñ.PSD

“Está quente” (muito polido)

53. *O-hayo-u* *gozai-mas-u* (exemplo de forma “hiperpolida” com desc. flex)

HON-cedo-ADV estar.POL-POL-Ñ.PSD

“Bom dia!” (lit. Está cedo!)

Outra dificuldade de se classificar os descritivos como verbos se deve ao fato de que eles possuem várias restrições morfológicas, como previsto pelo critério (xvi). Entre eles, está a inexistência de uma forma imperativa ou hortativa dos descritivos, como mencionado pelo critério (iii). Além dessa limitação, há outras formas comuns nos verbos, como a negação conjuntiva “-(a)zu” que não existe nos descritivos (BACKHOUSE, 2004, p. 53):



54. *Doko-ka* *e* *ik-azu* (*ni*) (negação conjuntiva com verbo)  
 onde-IND DIR ir-NEG.CONJ (COP.CONJ)  
 “Sem ir para algum lugar...”
55. \**Ooki-zu* (agramatical: negação conjuntiva com verbo)  
 grande-NEG.CONJ  
 “Sem ser grande...”
56. \**Shizuka-zu* (agramatical: negação conjuntiva com verbo)  
 quieto-NEG.CONJ  
 “Sem estar quieto...”

Por fim, como esperado pelo critério (xvii), os descritivos tendem a aparecer em pares antônimos, seja por dimensão (*ooki-i*, grande; *chisa-i*, pequeno), por propriedade física (*atsu-i*, quente; *samu-i*, frio), cor (*akaru-i*, claro; *kura-i*, escuro; *shiro-i*, branco; *kuro-i*, preto), entre outros (IWASAKI, 2013, p. 61-62). Não parece haver um número igualmente produtivo de pares entre os descritivos não-flexionados, não tendo sido encontrado na literatura nenhuma referência à possibilidade. Os últimos seis critérios aplicados às classes lexicais analisadas da língua japonesa podem ser sistematizados da seguinte forma:

Quadro 5 – Sistematização dos Dados com Critérios XI-XVII

		Descritivos Flexionados	Descritivos Não Flexionados
XI	Função Adverbial	Apresentam	Apresentam
XII	Parâmetro de Comparação	Apresentam	Apresentam
XIII	Modificação Intensificador	Apresentam	Apresentam
XIV	Marcação de Negação	Distinta dos Verbos	Distinta dos Verbos
XV	Afixos Exclusivos	Apresentam	Apresentam
XVI	Restrições Morfossintact	Apresentam	Apresentam
XVII	Pares Antônimos	Apresentam	Não produtivo

Fonte: Autoria Própria

### 3.2 Dados em Coreano

Assim como na subseção anterior, a classe lexical analisada será, por enquanto, chamada de “descritivos” a fim de evitar juízo antes da análise. Diferente da subseção anterior, entretanto, não parece haver necessidade para dividirmos a possível classe de descritivos em duas. Sempre que possível, foi utilizada a mesma romanização dos dados originais.

No caso dos dados da língua coreana, nem sempre foi possível encontrar dados suficientes para testar todos os critérios, só sendo aqui referidos os dados quando a (não) aplicação do critério estava descrita na fonte original.

Já no primeiro critério, podemos encontrar diferenças entre os verbos e os descritivos em coreano, no sentido em que nem toda a marcação de tempo-modo-aspecto encontrada nos verbos pode aparecer nos descritivos.

Como exemplo temos o fato de que a marca de não-passado, que nos verbos é representado pelo sufixo {-*(nu)n*} (57), nos descritivos é zero (58) (CHANG, 1996, p. 47; SOHN, 1999, p. 210).

57. *Alb-nun-ta* (verbo em tempo não-passado)  
adoecer-Ñ.PSD-DECL  
“(Alguém) está doente”  
(SOHN, 2004, p. 228)
58. *cob-∅-ta* (descritivo em tempo não-passado)  
bom-Ñ.PSD-DECL  
“(Alguém) é bom”  
(SOHN, 2004, p. 228)

Também não é possível que descritivos apareçam no aspecto progressivo, ainda que verbos possam:

59. *nay ka al-ko iss-ta* (verbo no aspecto progressivo)  
1.SG NOM saber-CONJ estar-DECL  
“Estou sabendo”  
(SOHN, 1999, p. 275)
60. \**Nami ka kenkangha-ko iss-ta* (agramatical: descritivo progressivo)  
Nami NOM saudável-CONJ estar-DECL  
“Nami está sendo saudável”  
(SOHN, 1999, p. 276)

O critério (iii) também apresenta problemas, uma vez que não é possível que os descritivos apareçam no modo imperativo (KIM-RENAUD, 2012, p. 138), com exceção a ser vista posteriormente, hortativo (SOHN, 2004, p. 229; CHANG, 1996, p. 47) e proibitivo:

61. *\*noph-**ula!*** (agramatical: descritivo com imperativo com sentido de ordem)  
alto-IMP  
“Fique alto!”  
(CHANG, 1996, p. 48)
62. *cal ca-**la*** (verbo na voz imperativa)  
bem dormir-IMP  
“Durma bem!”  
(CHANG, 1996, p. 87)
63. *\*noph-**ca!*** (descritivo na voz hortativa)  
alto-HORT  
“Fiquemos altos!”  
(CHANG, 1996, p. 48)
64. *Ka-ca* (verbo na voz hortativa)  
ir-HORT  
“Vamos!”  
(CHANG, 1996, p. 103)
65. *\*Kenkangha-ci mal-**ca*** (descritivo em construção proibitiva)  
saudável-SUS parar-HORT  
“Não sejamos saudáveis!”  
(CHANG, 1996, p. 103)
66. *Ka-ci mal-**ca*** (verbos em construção proibitiva)  
ir-SUS parar-HORT  
“Não comamos!”  
(CHANG, 1996, p. 103)

Como mencionado anteriormente, há uma exceção quanto ao uso do imperativo com descritivos, em que o morfema é utilizado para dar uma leitura exclamativa:

67. *Aiko chwm-**ela!*** (morfologia imperativa com significado exclamativo)  
INTERJ frio-EXCL  
“Ai, que frio!”

De acordo com o critério (iv), também há diferença no comportamento de processos derivacionais em descritivos e verbos da língua. Diferentes afixos derivacionais que ocorrem com descritivos não ocorrem com verbos, e vice-versa (SOHN, 2004, p. 229), como é o caso do morfema {-kyep} que serve para transformar nomes em descritivos:

68. *Nwunmul-kyep-ta*  
lágrimas-**cheio**-DECL  
“Ser tocante”

(SOHN, 1999, p. 228)

O processo de nominalização, entretanto, pode ser similar em descritivos e verbos, não havendo diferença marcante em construções como as exemplificadas nos exemplos (69) e (70) abaixo, com ambas as classes sendo núcleo de argumento verbal com o uso de estratégias similares:

69. *ka-ss-um-ul*                      *a-n-ta* (nominalização com verbos)  
ir-PSD-NMLZ-ACU                  saber-Ñ.PSD-DECL  
“Sei que ele foi”

(SOHN, 2004, p. 231)

70. *cob-ass-um-ul*                      *a-n-ta* (nominalização com descritivos)  
bom-PSD-NMLZ-ACU                saber-Ñ.PSD-DECL  
“Sei que ele era bom”

(SOHN, 2004, p. 231)

Temos, com esses critérios, a seguinte situação

Quadro 6 – Critérios I-VII aplicados aos Descritivos Coreanos

	Critério	Verbos	Descritivos
I	Limitações Morfológicas	Podem receber todos morfemas de TAM	Não recebem aspecto progressivo
II	Diferenças Semânticas	{-la} indica imperativo com verbos, mas exclamação com	
III	Modo Imperativo	Apresenta	Não Apresenta
IV	Processos Derivacionais	Não recebe morfema {-kyep-}	Recebe morfema {-kyep-}
VII	Nominalização	Recebe morfema {um}	Recebe morfema {um}
VIII	Função Atributiva	Ocorrem nos tempos passado e não-passado	Não ocorre no tempo não-passado

Fonte: Autoria Própria

Na função atributiva, há uma limitação em descritivos, que não ocorre com verbos, em relação às marcas de tempo que podem aparecer ao modificarem um sintagma nominal. Enquanto um verbo pode aparecer no tempo passado (71), assim como com morfologia de não-passado (72), a mesma variação não é permitida aos descritivos (73), uma vez que o morfema passado usado para marcar tempo passado em orações relativas é similar à morfologia atributiva de descritivos. Não é possível fazer a mesma variação temporal com descritivos (74) nesse contexto:

71. *Alb-un* *salam* (verbo no passado em função atributiva)  
doente-PSD *pessoa*  
“Pessoa que estava doente”  
(SOHN, 2004, p. 230)
72. *Alb-nun* *salam* (verbo em tempo não-passado em função atributiva)  
Doente-Ñ.PSD *pessoa*  
“Pessoa que está doente”  
(SOHN, 2004, p. 230)
73. *Cob-un* *salam* (descritivo em função atributiva)  
bom-ATR *pessoa*  
“Boa pessoa”  
(SOHN, 2004, p. 230)
74. \**Cob-nun* *salam* (agramatical)

Os descritivos em coreano podem receber morfologia específica para modificar verbos, ou seja, para aparecer em função adverbial (75). Em contraste, não é possível que o mesmo ocorra com os verbos para modificar outros verbos em função adverbial:

75. *Kupha-key* (descritivo com morfologia adverbial)  
apressado-ADV  
“Apressadamente”  
(SOHN, 1999, p. 230)

Diferente da língua japonesa, tanto descritivos como verbos em coreano podem receber sufixos causativos, tornando verbos intransitivos e descritivos em verbos transitivos através de um processo morfológico derivacional:

76. *Mek-i-ta* (verbo com morfologia causativa)  
comer-CAUS-DECL  
“alimentar”

(SOHN, 2004, p. 233)

77. *Kb-iwu-ta* (descritivo com morfologia causativa)  
grand-CAUS-DECL  
“alargar/levantar”

(SOHN, 2004, p. 233)

Segundo Chang (1996, p. 40), os sufixos são motivados por condições lexicais, estando geralmente dicionarizados como palavras independentes. Não há, entretanto, nas fontes consultadas, alguma explicação sobre uma possível interseção entre as classes lexicais e os afixos causativos.

Os descritivos também podem ocorrer como parâmetro de comparação, como demonstrado no exemplo abaixo:

78. *Reosia-neun*      *bankuk-pota*      *keo-yo*  
Rússia-TOP      coreia-COMP      grande-DECL  
“A Rússia é maior do que a Coreia”

(YEON E BROWN, 2011, p. 147)

Não foram encontradas construções similares com verbos na língua. Também não é documentada como sendo gramatical a presença de morfemas intensificadores, como {-ti} com verbos da língua, ainda que sejam produtivos com os descritivos:

79. *\*mek-ti*      *mek-nun-ta*  
comer-TI      comer-Ñ.PSD-DECL  
“Come muito”

(SOHN, 2004, p. 231)

80. *Cha-ti*      *cha-ta*  
frio-TI      frio-DECL  
“Muito frio”

(SOHN, 2004, p. 231)

As marcas de negação, entretanto, trazem um quadro um pouco mais complexo. Por um lado, o advérbio negativo *an(i)* pode ocorrer preposto a verbos e descritivos, sem restrições quanto a essas classes lexicais:



81. *Nalssi-ka*      **an**      *cob-ta* (negação com descritivo)  
 clima-NOM      NEG      bom-DECL  
 “O clima não está bom”

(CHANG, 1996, p. 101)

82. *Yong-um*      *TV-lul*      **an**      *pwa-yo* (negação com verbo)  
 Yong-TOP      TV-ACU      NEG      ver-DECL  
 “Yong não assiste TV”

(CHANG, 1996, p. 101)

Mas, há construções negativas, como a que faz uso do prefixo {-mos} que não pode ocorrer com descritivos da língua, mas apenas com verbos:

83. *Ne-nun*      *keki-ey*      **mos-ka-n-ta** (negação alternativa com verbo)  
 2.SG-TOP      lá-ALA      **mos-ir-Ñ.PSD-DECL**  
 “Você não pode ir lá”

(CHANG, 1996, p. 104)

Seguindo para o critério (xv), em relação ao compartilhamento de afixos entre as duas classes, há afixos que podem aparecer nos descritivos, mas que não ocorrem com os verbos. Um exemplo é a construção necessária com descritivos que se referem a fenômenos psicológicos (similar ao sufixo {-garu} mencionado nos dados em japonês), na qual se utiliza o verbo auxiliar {-ha}, originalmente fazer, junto ao descritivo:

84. \**Ku*      *Ai-nun*      *chwup-ta* (agramatical)  
 Essa      criança-TOP      frio-DECL  
 “Essa criança está com frio”

(SONG, 2005, p. 79)

85. *Ku*      *ai-nun*      *chwue-ba-n-ta* (gramatical)  
 Essa      criança-TOP      frio-fazer-Ñ.PSD-DECL  
 “Essa criança está com frio”

(SONG, 2005, p. 79)

Por fim, há a constatação de que os pares antônimos, comuns em categorias adjetivais, relacionados a dimensão (*kebuta*, grande; *cakea*, pequeno), valor (*cobta*, bom; *napputa*, ruim/errado), ou cor (*kemta*, preto; *huyta*, branco) (SOHN, 2004, p. 255).

Sistematizando os critérios aplicados aos descritivos da língua coreana, temos então o seguinte quadro:

Quadro 7 – Critérios de XI-XVII aplicados aos Descritivos Coreanos

	Critério	Descritivos
XI	Função Adverbial	Não
XII	Parâmetro de Comparação	Sim, apresentam.
XIII	Modificação por Intensificadores	Sim, apresentam.
XIV	Marcação de Negação	Sim, há diferenças.
XV	Afixos Exclusivos	Sim, apresentam
XVII	Pares Antônimos	Sim, apresentam.

Fonte: Autoria Própria

Passa-se assim à análise dos dados encontrados.

## 4 Análise dos Dados

Ao analisarmos os dados e como esses dados se comportam de acordo com os critérios utilizados, temos o seguinte quadro:

Quadro 8 – Quadro-Resumo dos Resultados Obtidos com os Dados

	Descrição	Japonês		Coreano
		Desc. Flexionados	Desc. Não-flexionados	Descritivos
Há distinção entre a classe e os verbos?				
I	Limitações morfológicas	Sim, limita-se em sufixos de TAM	Sim, requer uso de cópula	Sim, limita-se em sufixos de TAM
II	Diferenças semânticas	Sim, recebem sufixos diferentes	Sim, recebem sufixos direntente	Sim, marca de exclamação em descritivos
III	Modo Imperativo	Sim, inexistente imperativo	Sim, inexistente imperativo	Sim, inexistente imperativo
IV	Processos Derivacionais	Sim, inexistem vozes passiva e causativa	Sim, inexistem vozes passiva e causativa	Sim, há limitações (morfema {-kyep-})
V	Transitividade	Sim, difere por não apresentar pares	Sim, difere por não apresentar pares	Inconclusivo
VI	Reduplicação	Sim, difere no sufixo de TAM	Inconclusivo	Inconclusivo
VII	Nominalização	Não	Sim, requer a cópula	Não, compartilham o sufixo {-um}
VIII	Função Atributiva	Não	Sim, requer a cópula	Sim, tem distinções de TAM reduzidas
IX	Núcleo de Argumento Verbal	Não	Sim, requer a cópula	Inconclusivo
X	Núcleo de Predicado Subordinado	Sim, recebem sufixos de polidez únicos	Sim, podem requerer uso de cópula	Inconclusivo

		Comportam-se como adjetivos?		
XI	Função Adverbial	Sim, possuem função adverbial	Sim, possuem função adverbial	Sim, possuem função adverbial
XII	Parâmetro de Comparação	Sim, podem servir de parâmetro	Sim, podem servir de parâmetro	Sim, podem servir de parâmetro
XIII	Modificação por Intensificadores	Sim, podem ser modificados	Sim, podem ser modificados	Sim, podem ser modificados
XIV	Marcação de Negação	Sim, apresentam estratégia exclusiva	Não, compartilham com nominais	Sim, apresentam diferenças com verbos
XV	Afixos Exclusivos	Sim, há o sufixo {-gar-}	Sim, há o sufixo {-gar-}	Sim, a necessidade do auxiliar {-ha}
XVI	Restrições Morfosintáticas	Sim, forma restrita de polidez	Sim, forma restrita de polidez	Inconclusivo
XVII	Pares Antônimos	Sim, apresentam pares antônimos	Não foi possível identificar	Sim, apresentam pares antônimos

Fonte: Autoria Própria

Na língua japonesa, em 82% dos critérios (14 de 17), os descritivos flexionados se comportam como uma classe distinta dos verbos e apresentam características morfossintáticas de adjetivos, havendo uma identidade com os verbos em outros 12% dos critérios (2 de 17).

Os descritivos não-flexionados, por sua vez, também se comportam como uma classe distinta de adjetivos em 14 dos 17 critérios, ou seja, em 82% dos critérios. Em 6% dos critérios, houve um compartilhamento de características morfossintáticas com os nominais da língua. No caso, também há diferenças entre as classes lexicais que justificariam o reconhecimento de pelo menos duas categorias adjetivais na língua, e não apenas uma.

Já em língua coreana, os descritivos se comportaram como adjetivos em 64,7% dos critérios (11 de 17), havendo compartilhamento de características morfossintáticas com os verbos em 5,88% dos critérios (1 de 17). Não foram encontrados, em coreano, exemplos de reduplicação nos descritivos, ou motivos para dividirmos a classe adjetival. Não foi possível obter dados confiáveis para verificar 5 dos 17 critérios. Esses critérios seriam importantes para um melhor entendimento da classe lexical, mas não somariam mais de 30%, não tendo impacto no resultado final.

A tendência das classes adjetivais das línguas da região de poderem ser núcleo de predicado intransitivo, sem a presença de cópula, não parece levar, portanto, a uma identidade entre essas classes e os verbos.

O que parecemos encontrar nessas línguas é uma interseção entre as propriedades morfossintáticas, e por vezes semântica, das três grandes classes lexicais (nomes, adjetivos e verbos). Isso, entretanto, é esperado na literatura (DIXON, 2010, p. 99), motivo pelo qual construtos teóricos, como protótipos (GIVÓN, 2001, p. 31) para classificações linguísticas e conceitos comparativos (HASPELMATH, 2010, p. 665) para comparações interlinguísticas são usados para

fazer análises mais detalhadas. No caso das línguas do nordeste asiático, há algumas aproximações morfossintáticas que lembram os verbos das línguas, mas ainda sendo possível detectar diferenças entre as classes lexicais.

Ao que tudo indica, ainda que haja semelhanças sintáticas entre os keiyoushi e os verbos em japonês, não é possível afirmar, seguindo Suzuki (2016, p. 95), que haja alguma espécie de identidade morfossintática entre os adjetivos e os verbos da língua japonesa. Em coreano também, a visão de que há duas classes lexicais distintas parece oferecer um retrato mais detalhado da língua.

Quanto às características possivelmente aerais, percebem-se as seguintes características morfossintáticas comuns às duas línguas:

- A tendência de classes adjetivais aparecerem como núcleo de predicado intransitivo sem a necessidade de uso de cópula (com exceção dos adjetivos não-flexionados em japonês);
- Ainda que existam algumas similaridades, a morfologia presente em verbos e adjetivos nas duas línguas apresentam diferenças significativas, não só em relação a morfemas de Tempo-Modo-Aspecto, mas também no que se refere à polaridade, apresentando menos possibilidades do que nos verbos;
- Apesar de haver a possibilidade de construções para marcação de aspecto progressivo ser usado com verbos de ambas as línguas, essa possibilidade é restrita aos verbos;
- Adjetivos relacionados a estados psicológicos em ambas as línguas requerem construções especiais quando se referem a pessoas que não sejam o falante.

Mesmo uma versão mais moderada destas afirmações também teria desafios, uma vez que tanto em japonês como em coreano, os critérios utilizados indicaram que poderia haver um provável prejuízo em descrições linguísticas em que haja uma supressão da classe adjetival como uma subclasse verbal, uma vez que há diferenças significativas no comportamento morfossintático das classes lexicais analisadas.

## Conclusão

Os dados obtidos apontam para uma possibilidade de considerarmos os descritivos em ambas as línguas como adjetivos, uma vez que apresentam características já tipificadas na literatura. Também é possível perceber que há a tendência em ambas as línguas de apresentar adjetivos que compartilhem características morfossintáticas com os verbos, ainda que guardando também propriedades únicas que permitam a diferenciação entre as classes.

Apesar da constatação de que há classes adjetivais nas línguas do nordeste asiático, esse não é um fim por si só.

Uma vez reconhecidos os desafios na identificação das classes adjetivais nas línguas da região, e quais são suas características morfosintáticas comuns, seria importante verificar se nas outras línguas nas quais não se há um consenso sobre a existência de uma classe adjetival (como Ainu e Nivkh), também não há uma situação similar. Também são necessárias mais pesquisas para aprimorar as investigações onde os resultados da aplicação dos critérios foram inconclusivos.

Outra necessidade seria entender, não só na região, mas nas outras línguas do mundo, os fenômenos que levam à emergência de múltiplas categorias adjetivais, como parece ser o caso da língua japonesa, em oposição a outras línguas em que isso não ocorre. A cisão na categoria de adjetivos em japonês em duas categorias distintas se deve a quais fatores? Eles são compartilhados com outras línguas que apresentam cisões similares, como Macushi e Manange? (DIXON, 2010, p. 93-95)

## Lista de Abreviaturas

ABL	Caso Ablativo
ACU	Caso Acusativo
ADV	Forma Adverbial
ALA	Caso Alativo
ATR	Forma Atributiva
CAUS	Voz Causativa
COMP	Comparativo
CONJ	Forma Conjuntiva
COP	Cópula
DECL	Forma Declarativa
DESID	Desiderativo
EXCL	Exclamação
HORT	Voz Hortativa
IMP	Voz Imperativa
INF	Infinitivo
PASS	Voz Passiva
PRED	Forma Predicativa
NEG	Negação
NOM	Caso Nominativo
NMLZ	Nominalizador
Ñ.PSD	Não Passado

PL	Plural
POL	Polidez
PSD	Passado
SG	Singular
SUS	Suscetível
SUPERLAT	Superlativo
TOP	Marca de Tópico

## Referências

- BACKHOUSE, A. E. Inflected and Uninflected Adjectives in Japanese. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. **Adjective Classes: A Cross-Linguistic Typology**. Oxford, UK: Oxford University Press, 2004. p. 50-73.
- BAKER, M. C. **Lexical Categories: Verbs, Nouns, and Adjectives**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2004.
- BYON, A. S. **Basic Korean: A Grammar and Workbook**. Oxon, UK: Routledge, 2009.
- CHANG, S. J. **Korean (London Oriental and African Language Library)**. Amsterdam, NL: John Benjamins Publishing Co, 1996.
- CROFT, W. **Typology and Universals (Cambridge Textbooks in Linguistics)**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2003.
- DIXON, R. M. W. **Basic Linguistic Theory - Volume 2: Grammatical Topics**. Oxford, UK: Oxford University Press, 2010.
- FERREIRA, M. V. D. L. **Classes Lexicais e Gramaticalização: Adjetivos em Línguas Geneticamente Não-Relacionadas**. Brasília: Universidade de Brasília, 2015.
- FLEMING, S. I.; KAY, S. E. **Colloquial Russian**. 3. ed. Oxon, Oxfordshire: Routledge, 2010.
- FRELLESVIG, B. **A History of the Japanese Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- GIVÓN, T. **Syntax: An Introduction - Volume I**. Amsterdam, NL: John Benjamins Publishing Co, 2001.
- GREENBERG, J. H. Some Universals of Grammar with Particular Reference to the Order of Meaningful Elements. In: GREENBERG, J. H. **On Language: Selected Writings of Joseph H.**

Greenberg. Stanford, California: Stanford University Press, 1990. p. 40-70.

GRUZDEVA, E. **Nivkh (Languages of the World / Materials 111)**. Munique: Lincom Europa, 1998.

HASPELMATH, M. Comparative concepts and descriptive categories in crosslinguistic studies. **Language**, v. 86, n. 3, p. 663-687, 2010.

HINDS, J. **Japanese: Descriptive Grammar (Croom Helm Descriptive Series)**. Oxon, Oxfordshire: Routledge, 1986.

IWASAKI, S. **Japanese (Longon Oriental and African Language Library)**. Amsterdam, NL: John Benjamins Publishing Company, 2013.

KAISER, S. et al. **Japanese: A Comprehensive Grammar**. 2. ed. London and New York: Routledge, 2013.

KIM-RENAUD, Y.-K. Modern Korean. In: TRANTER, N. **The Languages of Japan and Korea**. New York, NY: Routledge, 2012. p. 123-167.

MATTISSEN, J. **Dependent-Head Synthesis in Nivkh: A Contribution to a Typology of Polysynthesis**. Amsterdã: John Benjamins Publishing Co., 2003.

NEDJALKOV, I. **Evenki (Descriptive Grammar)**. Londres: Routledge, 1997.

NEDJALKOV, V. P.; OTAINA, G. A. **A Syntax of the Nivkh Language: The Amur Dialect (Studies in Language Companion Series - 139)**. Tradução de Emma Š Geniušienė. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 2013.

NGUYỄN, Đ. H. **Vietnamese: Tiếng Việt không son phần**. Amsterdam, NL: John Benjamins Publishing Co, 1997.

NIKOLAEVA, I.; TOLSKAYA, M. **A Grammar of Udihe (Mouton Grammar Library, 22)**. Berlin: Walter de Gruyter GmbH & Co, 2001.

REFSING, K. **The Ainu Language: The Morphology and Syntax of the Shizunai Dialect**. Aarhus: Aarhus University Press, 1986.

SCHACHTER, P.; SHOPEN, T. Parts-of-Speech Systems. In: \_\_\_\_\_ **Language Typology and Syntactic Description - Volume 1: Clause Structure**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2007. p. 1-60.

SHIBATANI, M. **The Languages of Japan**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1990.

SHIMOJI, M. **A Grammar of Irabu, a Southern Ryukyuan Language**. Canberra: Australian

National University, 2008.

SMYTH, D. **Thai: An Essential Grammar**. London, UK: Routledge, 2002.

SOHN, H. M. **The Korean Language (Cambridge Language Surveys)**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1999.

SOHN, H. M. The Adjective Class in Korean. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. **Adjective Classes: A Cross-Linguistic Typology**. Oxford, UK: Oxford University Press, 2004. p. 223-241.

SONG, J. J. **The Korean Language: Structure, Use and Context**. Oxon, UK: Routledge, 2005.

STASSEN, L. Predicative Adjectives. In: HASPELMATH, M., et al. **World Atlas of Language Structures**. [S.l.]: [s.n.], 2005. p. 478-481.

SUZUKI, T. Prefácio. In: SUZUKI, T; NINOMIYA, S R L; OTA, J; MORALES, L M. **Teorias Gramaticais da Língua Japonesa**. São Paulo, SP. Humanitas, 2012. p. 7-12.

SUZUKI, T. Predicador de Qualidade (Keiyôshi, 形容詞). In: MUKAI, Y.; SUZUKI, T. **Gramática da Língua Japonesa para Falantes do Português**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016. p. 95-100.

TRANter, N.; KIZU, M. Modern Japanese. In: TRANter, N. **The Languages of Japan and Korea (Routledge Language Family Series)**. Abingdon, Oxon: Routledge, 2012. p. 268-312.

TSUJIMURA, N. **An Introduction to Japanese Linguistics**. 2. ed. Malden, MA, US: Blackwell Publishing, 2007.

YEON, J.; BROWN, L. **Korean: A Comprehensive Grammar (Routledge Comprehensive Grammars)**. Oxon, UK: Routledge, 2011